

Soc - 50
2008



UNIVERSIDADE EDUARDO MONDLANE
Faculdade de Letras e Ciências Sociais (FLCS)

Departamento de Sociologia

Dissertação apresentada em cumprimento parcial dos requisitos exigidos
para obtenção do grau de Licenciatura em Sociologia na Universidade
Eduardo Mondlane

**A Função Social da Prática do Xitique na Cidade de Maputo – O caso
do grupo Ntwanano**

Proponente: Denise António Cuamba
Supervisor: Dr. Adriano Maurício

Maputo, Julho de 2008

Declaração

Declaro que este projecto de investigação nunca foi apresentado, na sua essência, para a obtenção de qualquer grau, e que ele constitui o resultado da minha investigação pessoal, estando indicadas no texto e na bibliografia as fontes que utilizei.

Autora

Denise António Chaguala Cuamba

Denise António Chaguala Cuamba

Supervisor

(Dr. Adriano Mauricio)

Dedicatória

Dedico este trabalho para os meus pais e irmãs pelo apoio e encorajamento que me deram ao longo de todo o processo.

Dedico também para o Beto pela compreensão e carinho que sempre teve mesmo em momentos de stress.

Agradecimentos

Ao longo de todo processo que levou a realização deste trabalho, várias foram as pessoas que de uma e/ou de outra maneira intervieram, partilhando o seu tempo, experiências, apoiando e incentivando.

Gostaria assim, de agradecer a todos aqueles que, directa ou indirectamente contribuíram para a elaboração deste trabalho.

Quero deixar expresso os meus agradecimentos ao meu supervisor .Professor Adriano Maurício pelo tempo e paciência que teve comigo.À todos os meus colegas e amigos o meu muito obrigado.

Resumo

O presente trabalho apresenta os resultados preliminares de uma pesquisa feita sobre a função social da prática do *xitique* na cidade de Maputo – o caso do grupo *Ntwanano*.

Esta pesquisa analisa a função social desempenhada pela prática do *xitique* na cidade de Maputo. Para alcançar o objectivo proposto recorremos o método hipotético – descritivo, que, de acordo com Lakatos e Andrade (1992), inicia-se pela percepção de uma lacuna nos conhecimentos acerca da qual se formulam hipóteses.

O método foi combinado com as técnicas da entrevista semi-estruturada e a observação directa.

A pergunta de partida e a hipótese foram as seguintes:

- 1- Em que medida a prática do *xitique* desempenha uma função social?
- 2- O *xitique* proporciona a integração social e solidariedade do grupo através de relações sociais que se estabelecem.

Apurámos que o *xitique* proporciona a integração social do grupo através das relações sociais que se estabelecem e pelos contactos sociais que são de uma base regular . Também geram-se relações e sentimentos de solidariedade em momentos de casamento e doença.

Concluimos igualmente que, no grupo, verifica-se a reprodução das relações de género e poder e o controle social.

Abreviaturas

AHM- Arquivo Histórico de Moçambique.

CEA- Centro de Estudos Africanos.

FAEF- Faculdade de Agronomia e Engenharia Florestal.

FLCS- Faculdade de Letras e Ciências Sociais.

DNDR- Direcção Nacional de Desenvolvimento Rural.

FMI- Fundo Monetário Internacional

BM- Banco de Moçambique

PRE- Programa de Reforma Económica

PRES- Programa de Reforma Económica e Social

PNUD- Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento

UEM- Universidade Eduardo Mondlane

ONG's-Organizações Não Governamentais

Índice

Declaração	I
Dedicatória	II
Agradecimento	III
Resumo	IV
Lista de Abreviaturas	V
Introdução	4
Metodologia	8
Revisão da literatura	11
Problema de estudo	13
Enquadramento teórico	16
Conceptualização	21
Estudo Caso	31
Considerações finais	33
Referências bibliográficas	38
Anexos	45

Capítulo 1

1.1 INTRODUÇÃO

“Apesar da falta de emprego, da precariedade das condições de vida na cidade, do disfuncionamento da acção pública e das adversidades a que estão sujeitos nessa dura luta quotidiana pela sobrevivência, melhor ou pior, com maior ou menor capacidade de acção, eles reproduzem-se, produzem e consomem, alimentam-se, vestem-se, abrigam-se, deslocam-se, tratam-se, divertem-se e alguns estudam”(Oppenheimer e Raposo 2002).

O presente trabalho aborda o fenómeno de *Xitique* na cidade de Maputo, e tem como propósito reflectir sobre a função social desta prática, que vem ganhando uma maior visibilidade na nossa sociedade.

O trabalho encontra-se estruturado em quatro capítulos. O capítulo um compreende esta introdução, onde definimos o objecto de estudo, os objectivos e as razões que nos levaram a estudar o tema. Este capítulo apresenta ainda a metodologia adoptada para a realização do trabalho.

No capítulo dois, definimos a questão de partida, apresentamos o problema de estudo e a hipótese de trabalho, para além de revermos a literatura. Ainda neste capítulo, demonstramos o enfoque teórico que norteou o estudo, expondo os conceitos chave.

O capítulo três é o estudo de caso, ou seja, nele fazemos a análise e a interpretação dos dados obedecendo à descrição do historial do grupo e recorrendo à análise da função social que o *xitique* desempenha. Este exercício ocorre em harmonia com a questão de

partida, as hipóteses e os objectivos do estudo e é seguido, por fim, pelas considerações finais.

A pertinência do trabalho reside no facto de procurar resgatar o “outro lado” da prática do *Xitique*, que é negligenciado na abordagem sobre este fenómeno, pois, os estudos realizados dão primazia ao lado monetário. Assim, o propósito deste trabalho é reflectir sobre o lado “latente” desta prática social usando como substrato a visão mertoniana, procurando compreender o tipo de relações sociais que se estabelecem num grupo de *xitique*, bem como a sua função social.

O *Xitique*, é uma das formas mais comuns de poupança entre diferentes grupos sociais e a sua prática remonta ao período colonial. Como referem Oppenheimer e Raposo (2002), antes da independência já se praticava o *xitique* em Maputo, como resultado da integração crescente na economia de mercado dos trabalhadores africanos “laurentinos”(Oppenheimer e Raposo: 2002).

Esta modalidade de financiamento aumentou nos primeiros anos da independência, com a transformação do papel das redes tradicionais de entreajuda e com a crescente monetarização da economia.

Dava et al., (1998) referem, ainda, que na cidade de Maputo, o *xitique* foi uma das actividades mais praticadas no período pós-independência. De facto, nesta fase, registou-se alguma proeminência das actividades caracterizadas pelo trabalho remunerado e esquemas informais de poupança e crédito, o que pode ter sido reflexo do maior nível de monetarização da economia urbana do que as economias rurais. Neste período, foram mais praticadas as actividades baseadas nas relações de amizade e vizinhança entre os membros das comunidades, com tendência de maior monetarização das relações só na maior zona urbana, Maputo.

Na década de 1980, Moçambique encontrava-se “mergulhado” numa crise socio-económica caracterizada pelo conflito armado, por calamidades naturais e pelo fraco

abastecimento de bens de consumo. Esta crise forçou o governo a adoptar e implementar o Programa de Reabilitação Económica (PRE). Basicamente o PRE visava o ajuste estrutural nos moldes do Fundo Monetário Internacional (FMI) e do Banco Mundial (BM). Assim, foi levada a cabo uma nova política monetária e fiscal, privatizações no sector público, liberalização da economia e estímulos ao sector exportador, (José Jaime Macuane: 1996).

Segundo Prakash Ratilal (2000), os primeiros três anos do PRE foram de sucesso em termos de crescimento económico, mas não se resolveram os graves problemas sociais como a pobreza, a fome, a criminalidade, a mendicidade, a exclusão social, o desemprego e as desigualdades sociais. Os níveis de pobreza permanecem muito elevados o que, entre outros aspectos, gera efeitos sociais perversos e o aumento da criminalidade.

Para Ratilal, apesar do esforço realizado pelas autoridades e dos sucessos alcançados, especialmente no plano da estabilização macroeconómica e na atracção do investimento estrangeiro, o desemprego aumentou de forma generalizada. A reduzida capacidade de gestão não tem possibilitado a plena reprodutividade dos recursos alocados ao país através da ajuda da comunidade internacional.

De acordo com Oppenheimer e Raposo (2002), apesar dos inúmeros relatos inquietantes sobre a pobreza em Maputo, essas centenas de milhares de pobres que constituem uma grande percentagem dos habitantes da capital, sobreviveram aos efeitos de uma prolongada guerra civil, dos programas de reajustamento estrutural e de todo o conjunto das políticas económicas neoliberais.

Segundo os autores, as principais respostas à pobreza estrutural e conjuntural, são dadas pelos próprios pobres (indivíduos e comunidades) nesse reinventar quotidiano da sobrevivência. São múltiplas as estratégias seguidas na cidade, os apoios procurados, as solidariedades tecidas com vista a sobrevivência, a defesa dos interesses individuais, familiares ou colectivos: das redes de solidariedade ao nível da família alargada, as

solidariedades com a vizinhança e religiosas, as associações de base, as iniciativas de auto financiamento e de micro-crédito.

Cruz e Silva (2004), também refere que as condições económicas, políticas e sociais que marcaram Moçambique nas duas últimas décadas do século XX criaram um ambiente para a revalorização, e, em muitos casos, a reactivação ou criação de redes de solidariedade, diferentes formas de associativismo e práticas cooperativas, em busca de alternativas para sobrevivência e para aumentar o rendimento familiar.

A prática do *xitique* baseia-se na confiança e solidariedade entre os seus membros que podem provir da família, empresas, grupo de amigos, vizinhos, núcleos de igreja, vendedores de mercado, etc., como forma de fazer face às condições de pobreza.

1.2 Metodologia

Nesta secção apresentamos a metodologia adoptada com vista a alcançar os objectivos propostos no nosso trabalho.

Para o efeito, levou-se a cabo uma pesquisa bibliográfica sobre temáticas directa ou indirectamente relacionadas com o tema em análise, que consistiu, essencialmente numa análise documental (fontes escritas) nas principais bibliotecas da Cidade de Maputo, principalmente nas bibliotecas da UEM, nomeadamente da Faculdade de Letras e Ciências Sociais (FLCS), do Centro dos Estudos Africanos (CEA), da Faculdade de Agronomia e Engenharia Florestal (FAEF), da Faculdade Economia, do Arquivo Histórico de Moçambique (AHM) e da Direcção Nacional de Desenvolvimento Rural (DNDR) para apurar-se o que já foi escrito sobre o *xitique* em Moçambique.

Numa Segunda fase, a revisão de literatura tinha como objectivo fundamentar o problema, os objectivos (geral e específicos), a pergunta de partida e a hipótese da pesquisa com vista a familiarização com os trabalhos existentes sobre esta temática.

No que concerne à unidade de análise empírica, esta é constituída pelos integrantes do grupo *ntwanano*. A razão da escolha deste grupo prende-se com o facto de existir a partida uma afinidade. Era um grupo já conhecido por mim.

Dentro deste universo de pesquisa, seleccionámos uma amostra aleatória (segundo Lakatos {1992}, o aleatório significa que a selecção se faz de forma que cada membro da população tem a mesma probabilidade de ser escolhido) composta por 15 pessoas de entre as quais 14 mulheres e 1 homem, com idades compreendidas entre os 30 a 50 anos.

Optámos pelo método qualitativo. Esta opção justifica-se pela natureza profunda da pesquisa qualitativa. Com efeito, embora os métodos qualitativos apresentem limitações evidentes, nomeadamente no que diz respeito à impossibilidade de generalização dos seus resultados, o que lhes retira a qualidade de abrangência, eles podem ganhar em

profundidade analítica em virtude de as suas técnicas propiciarem um contacto mais intensivo e ao mesmo tempo aberto com os actores sociais, (Quivy & Campenhoudt: 1998).

O trabalho baseia-se num estudo de caso. O estudo de caso realiza-se por meio de técnicas já tradicionais nas ciências sociais, como a observação directa, a análise documental, as entrevistas semi-directivas.

Trata-se segundo Chizzotti (2000), de uma abordagem qualitativa que parte do pressuposto de que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, uma interdependência viva entre o sujeito e o objecto. O conhecimento não se reduz a um rol de dados isolados, conectados por uma teoria explicativa, o sujeito observador é parte integrante do processo de conhecimento e interpreta os fenómenos atribuindo-lhes um significado. O objecto não é um dado inerte e neutro, está possuído de significados e relações que sujeitos concretos criam em suas acções.

Na pesquisa qualitativa, todas as pessoas que participam da pesquisa são reconhecidas como sujeitos que elaboram conhecimentos e produzem práticas adequadas para intervir nos problemas que identificam. Pressupõe-se, pois, que elas têm um conhecimento prático, de senso comum e representações relativamente elaboradas que formam uma concepção de vida e orientam as suas acções individuais. Isto não significa que a vivência diária, a experiência quotidiana e os conhecimentos práticos reflectam um conhecimento crítico que relacione esses saberes particulares com a totalidade, as experiências individuais com o contexto geral da sociedade.

Supõe-se que os actores sociais não são meros recipientes de conhecimento, mas autores de um conhecimento que deve ser elevado pela reflexão colectiva ao conhecimento crítico.

Como sujeitos da pesquisa, identificam os seus problemas, analisam-nos, discriminam as necessidades prioritárias e propõem acções mais eficazes.

Cria-se uma relação dinâmica entre o pesquisador e o pesquisado que não será desfeita em nenhuma etapa de pesquisa, até seus resultados finais. Esta relação viva e participante é indispensável para se apreender os vínculos entre as pessoas e os objectos, e os significados que são construídos pelos sujeitos. O resultado final da pesquisa não será fruto de um trabalho individual, mas uma tarefa colectiva¹.

Em relação às técnicas, foi realizada a entrevista semi-estruturada que, segundo Quivy & Campenhoudt (1998), é a mais utilizada em investigação social. Chama-se semi-estruturada porque não é inteiramente aberta nem encaminhada por um grande número de perguntas precisas, dá a possibilidade de realizar a colecta de dados em tempo relativamente curto e envolvendo poucos gastos.

Aplicámos a técnica da observação directa com registo em diário de campo. Consideramos este ser uma técnica que nos permitiu captar os comportamentos e as relações sociais no momento em que elas se produzem sem a mediação de outros sujeitos, entre a informação procurada e a informação obtida (Quivy: 1998).

A colecta de dados foi realizada na cidade de Maputo junto ao grupo de *xitique*, denominado *Ntwanano*². A colecta de dados teve a duração de 2 meses, tendo iniciado em Dezembro de 2005.

Finalmente, de referir que na realização deste trabalho enfrentámos constrangimentos relacionados com a colecta de dados no terreno. As entrevistas dirigidas aos integrantes do grupo foram feitas somente aos sábados, porque era o dia em que se reuniam na casa da pessoa que recebia o dinheiro e para falar com as pessoas era preciso esperar pelo fim da cerimónia ou então falar antes do seu início.

Por questões éticas e para protecção dos informantes utilizamos pseudónimos, mas mantivemos a informação relativa ao sexo, a idade e a ocupação real das entrevistadas.

¹ Idem.

² A palavra significa entendimento.

A conjugação da informação bibliográfica, as informações obtidas no terreno e a observação directa permitiram o cruzamento, interpretação e síntese de todos os dados que facilitaram a elaboração deste trabalho

Capítulo 2

2.1. Revisão da literatura

A revisão pretende colocar a problemática aqui avançada dentro do contexto da literatura existente sobre esta temática. O nosso propósito é identificar as linhas orientadoras e áreas não exploradas, mas que são pertinentes para alcançar os objectivos aqui levantados.

Ana Maria Loforte, no seu estudo sobre "*Gênero e Poder entre os Tsongas de Moçambique, na cidade de Maputo, no bairro de Laulane (1996)*", refere que o *xitique* tem por objectivo, minimizar as dificuldades económicas, como por exemplo, o reduzido nível de salários, dos rendimentos e da falta de crédito, por parte da mulher. Loforte aponta que o *xitique* representa um fenómeno de adaptação à economia monetária e às necessidades de consumo urbano.

De uma maneira geral, a autora realça o lado monetário que o *xitique* desempenha para mitigação das dificuldades económicas olhando mais para a situação da mulher, pois o seu trabalho postula a sua primazia nos estudos sobre a mulher. Na mesma esteira Dava et Al. (1998), no seu estudo sobre "*mecanismos de ajuda mútua e redes informais de protecção social – estudo de caso das províncias de Gaza e Nampula e a cidade de Maputo*", refere que o *xitique* tem como objectivo a provisão de meios de subsistência para os agregados familiares, realçando que esta prática é dominada pelas mulheres.

Abreu (1994), numa comunicação apresentada no seminário sobre "*A Mulher e o Sector Informal*", sustenta que existem motivações de vária ordem para a constituição do *xitique*, que vão desde a motivação económica, onde existe a necessidade de cobrir gastos extraordinários, e a sociológica mais concretamente a ajuda mútua e cooperativismo entre os actores sociais.

Por sua vez, Cruz e Silva (2000), no estudo sobre “*As redes de solidariedade como intervenientes na resolução de litígios o caso da Mafalala*”, analisa o que chama de *grupos de poupança e sistemas rotativos de crédito informal (ou crédito mútuo)* e refere que é praticado, principalmente, por mulheres para cobrir as despesas que o orçamento familiar não consegue cobrir, quer como estratégia para resolver problemas, como a falta de rendimento a curto e médio prazo, também como forma de poupança e crédito, sendo popular entre as camadas mais pobres da população.

A autora refere ainda que embora a maior parte dos grupos de *xitique*, sejam formados por mulheres, não se exclui a existência de grupos apenas de homens, ou de grupos mistos.

De Vletter (1998), refere que o *xitique* facilita a acumulação de fundos para a aquisição de um bem específico de consumo como frigorífico, televisor, bicicleta, mobiliário, etc., e é também praticado para a geração de rendimentos, por exemplo, como capital inicial ou compra de mercadorias.

Oppenheimer e Raposo (2002), no seu estudo sobre, “*A pobreza em Maputo*” apontam que o *xitique* persiste como um dos mecanismos de assistência mútua e previdência mais correntes na cidade de Maputo. Para os autores, o *xitique* contribui não só para o reforço da capacidade produtiva e de aquisição de bens duráveis, mas também dos valores da solidariedade comunitária, constituindo um ponto de partida para formas mais desenvolvidas de associativismo.

Os autores referem que, entretanto, este tipo de entreajuda monetarizada envolve sempre uma troca monetária e exclui os mais desapossados que tem de procurar outros meios de sobrevivência. É o caso dos mais idosos, deficientes, doentes, mulheres chefes de família sem recursos, grávidas ou com muitas crianças menores, indigentes sem capacidade de trabalho por falta de forças ou de tempo e sem recursos económicos.

As análises sobre o *xitique* enfatizam, basicamente, dois tipos de aspectos:

a) Aspectos económicos, na medida em que trata-se de um meio de poupança, de crédito informal. De facto, o *xitique* serve para minimização de carências económicas, para provisão de meio de subsistência e para minimizar as dificuldades económicas por parte da mulher. O *xitique* resolve os problemas económicos mais imediatos, como por exemplo, a compra de um carro, a conclusão de uma casa, ou a aquisição de mobiliário para casa (De Vletter: 1998 e Loforte: 1996).

b) Aspectos sociais, visto que o *xitique* é uma profunda forma de solidariedade social e permite a reprodução social dos grupos primários, como as famílias, por exemplo. O *xitique* é visto como um dos mecanismos de assistência mútua e previdência social (Oppenheimer e Raposo : 2002).

Da revisão bibliográfica, pode-se depreender que existem várias causas que levam as pessoas a associarem se e formarem grupos de entreatajuda de entre os quais estão os grupos de *xitique*.

De acordo com a leitura que se pode fazer podemos aferir que existe uma abordagem sobre o fenómeno, a saber, a abordagem economicista. Esta advoga que os indivíduos se filiam aos grupos de *xitique* como forma de fazer face `as carências do quotidiano, como forma de obter um rendimento extra e como estratégia de sobrevivência face a condição de pobreza em que se encontram.

Contrariamente ao exposto na revisão bibliográfica levada a cabo, o presente trabalho distancia-se das abordagens acima referenciadas, na medida em que não procura analisar as causas económicas do fenómeno, mas sim, olhar o *xitique* em termos da função social que ela desempenha na vida dos indivíduos.

2.2. Problema de estudo

Referimo-nos, anteriormente à lacuna existente na literatura empírica sobre o *xitique*. O reducionismo económico que caracteriza o quadro das abordagens sobre o *xitique* parece-nos ser a idéia dominante na abordagem do fenómeno

Outra idéia também predominante é de que os mais pobres são os que procuram praticar o *xitique*, como forma de melhorar as carências diárias.

Estas percepções são problemáticas pois negligenciam o lado social desta prática.

Para o presente trabalho partimos da idéia de que não podemos olhar apenas para o lado “manifesto” da prática do *xitique*. Possivelmente, existe o lado “latente” desta prática, que se traduz nas consequências não observáveis e não desejáveis. Afinal, o que explica a persistência destes grupos mesmo depois de resolvidas todas as preocupações económicas iniciais?

Por exemplo, o que acontece no seio dos membros de um grupo de *xitique* nos seus encontros? Que dinâmicas sociais se desenvolvem no seio do grupo de *xitique*? São estas questões que procuramos levantar neste trabalho.

No entanto, a pergunta de partida que formulamos é a seguinte: Em que medida a prática do *xitique* desempenha uma função social?

Uma resposta preliminar à pergunta de partida assenta na seguinte hipótese de trabalho: O *xitique* proporciona a integração social e solidariedade do grupo através das relações sociais que nele se estabelecem.

De acordo com Dava et Al. (1998), O *xitique* é um sistema de poupança e crédito informal que não inclui o conceito de juro, em que duas ou mais pessoas, na base da

confiança mútua gerada de relações de amizade ou profissional, financiam-se mutuamente e de forma rotativa. Esta rotatividade obedece a uma periodicidade diária, semanal ou mensal num determinado montante fixo. A pessoa a quem cabe a vez de receber o financiamento, usa-o normalmente para adquirir bens duráveis ou bens que exigem um esforço financeiro que os seus rendimentos não permitem cobrir de uma única vez, embora não se excluam outras opções.

2.3. Enquadramento teórico

Neste capítulo enquadrámos teoricamente o objecto de estudo. Para tal recorreremos à teoria funcionalista, sendo que, para a finalidade dos objectivos deste trabalho nos centramos essencialmente nos conceitos de “função manifesta” e de “função latente” desenvolvidos pelo sociólogo Robert K. Merton.

De acordo com Rocher (1989), Merton introduziu o funcionalismo relativizado que se construiu em oposição ao funcionalismo absoluto de Malinowski. Esclareceu o facto de este funcionalismo basear-se em três postulados muito discutíveis, que são os seguintes:

- O postulado da *unidade funcional da sociedade*, que pretende que os elementos culturais e as actividades sociais sejam “funcionais para a totalidade do sistema social ou cultural”.

Merton concorda que qualquer sociedade tem de ter um certo grau de integração, mas demonstra empiricamente, que não se pode pretender, como Malinowski, que todas as sociedades tenham um alto grau de integração graças ao qual *toda* a actividade, toda a crença, estandardizada desempenha uma função não só para o conjunto da sociedade como para todos os seus membros. Para Merton, citado por Rocher, este postulado era talvez aceitável para o caso de algumas pequenas sociedades arcaicas altamente integradas, é falso para o caso das sociedades complexas, diferenciadas e dotadas de escrita.

- O postulado do *funcionalismo universal*, segundo o qual todo o elemento cultural ou social desempenha uma função;

- O postulado da *necessidade*, que pretende que cada elemento cultural ou social seja indispensável.

Merton mostra o abuso que existe em sustentar que todo o elemento cultural desempenha necessariamente uma função e seja, por isso indispensável.

Os dois últimos postulados fizeram muitos investigadores cometer erros. Porque pretendiam a todo o custo encontrar uma função para cada elemento cultural o que podia por vezes conduzir a explicações fantasistas ou aberrantes.

A discussão dos três postulados de Malinowski acaba por levar Merton a desenvolver quatro conceitos funcionais para relativizar estes postulados e tornar o funcionalismo menos rígido e mais operacional.

Assim desenvolveu os seguintes conceitos:

- *Equivalente funcional ou substituto funcional*, que diz que assim como um elemento pode ter várias funções, também uma só função pode ser desempenhada por vários elementos. O que Merton mostra, é que certos funcionalistas não hesitam muitas vezes em concluir que por exemplo, a magia ou alguns ritos e crenças religiosas são funcionais devido ao seu efeito sobre o estado do espírito ou sobre a segurança do indivíduo. Mas pode acontecer que estas práticas mágicas desapareçam ou sejam substituídas por práticas profanas acessíveis e mais eficazes.

Esta última observação conduz Merton a introduzir uma segunda noção que é a de disfunção, que diz que enquanto as funções são, entre as consequências observadas, as que contribuem para a adaptação ou para o ajustamento de um dado sistema, as disfunções são as que perturbam a adaptação ou o ajustamento do sistema.

Por último, Merton propôs ainda que se distinguisse entre funções a que chama de manifestas e funções a que chama de latentes.

A distinção entre funções manifestas e funções latentes aparece para evitar a confusão que existe na literatura sociológica entre motivações conscientes do comportamento social e os resultados objectivos desse comportamento.

O sociólogo justifica a distinção entre funções manifestas e latentes pelo facto de a primeira ser, *as consequências objectivas que contribuem para o ajuste ou adaptação do sistema, e são ao mesmo tempo, desejadas e reconhecidas pelos participantes de tal sistema social, enquanto que as latentes, pelo contrário não são nem desejadas nem reconhecidas por eles (1968)*. O facto de as funções latentes não serem desejadas conscientemente não quer dizer que sejam indesejáveis ou que venham contra a vontade dos participantes, muito pelo contrário, podem em muitos casos cumprir com um objectivo benéfico.

Merton (1968) interessou-se mais pelo conceito de função latente uma vez que este é o que amplia a atenção do sociólogo para além da questão de se saber se a conduta consegue ou não a sua finalidade confessada.

Ignorando temporariamente os propósitos explícitos, dirige a atenção para outro campo de consequências, que não são intencionadas e nem desejadas pelos participantes do grupo.

Para o sociólogo, a distinção entre funções latentes e funções manifestas tem a sua importância para a interpretação sociológica das práticas sociais que prevalecem mesmo que o propósito objectivo dos actores sociais não seja alcançado.

Mediante a aplicação sistemática da função latente, pode descobrir-se às vezes, que a conduta aparentemente irracional é positivamente funcional para o grupo.

A investigação do sociólogo dirige-se para as consequências inesperadas (entre as quais figuram as funções latentes) de práticas sociais, assim como ao estudo das consequências previstas (entre as quais se encontram as funções manifestas).

2.3.1. Conceptualização

Nesta parte do trabalho apresentamos os conceitos básicos. Trata-se de um procedimento nas Ciências Sociais que serve para o esclarecimento do raciocínio num trabalho de pesquisa. Aqui pretendemos apresentar os conceitos chave utilizados no estudo, e são eles, o de *xitique*, integração social, solidariedade e relação social.

Segunda Cruz e Silva (2002), a prática de associação para poupança e crédito informal é muito comum, abrangendo desde vendedeiras do mercado, mulheres domésticas, estudantes, funcionárias públicas e várias camadas sociais, e assume vulgarmente o nome de *xitique*.

Os grupos de *xitique* assumem diferentes formas que vão de grupos com uma duração efêmera onde os seus membros se juntam apenas para fazer em face de um problema concreto, a outros mais duradouros.

Para além da confiança e empatia que leva á criação dos grupos de *xitique*, há outros tipos de identidades que levam os indivíduos a fazer este tipo de associação e que acabam muitas vezes por funcionar como determinantes para as formas de organização. São os casos da religião e da cultura.

Para Novela (1996), Xavier (2003), o *xitique* é organizado por um grupo que se conhece mutuamente porque mora no mesmo bairro, trabalha nas mesmas ocupações ou ainda porque possuem relações familiares.

Segundo Xavier (2003), o nível de rendimento do indivíduo influencia também no acesso e desejo de participar nos grupos de *xitique*. Se o nível do rendimento do indivíduo ou do agregado familiar for baixo, gasta a maior porção do seu rendimento para o consumo de subsistência da sua família e para a compra de bens duráveis e a contribuição para o *xitique* será menor. Em contrapartida, um elevado rendimento do indivíduo ou do

agregado familiar, traz altas taxas de poupança e a sua demanda para o *xitique* como forma de poupança será alta.

Para Quive e Patrício (2005), o *xitique* e outras formas de entreajuda são vistas como redes informais de segurança social em Moçambique.

Em relação ao conceito de integração social, Pinto (1995), refere que este é um conjunto de mecanismos através dos quais um grupo ou uma sociedade recebe um novo membro e pode exprimir o processo vivido por uma pessoa que quer vir aceder a condição de participação plena, numa sociedade ou numa organização.

Nos grupos de *xitique* é normal que novos membros sejam admitidos e se inicie, assim, um processo visando integrá-los na rotina do grupo.

A integração social, para Durkheim, promove um sentido de significado e propósito para a vida. O conceito de integração social de Durkheim é medido com a frequência e a intensidade dos contactos sociais. Neste sentido, a integração social acontece através de um compromisso que as pessoas têm com a ordem social e exerce controle sobre o comportamento dos indivíduos.

Segundo Johnson, H.M (1966), a integração social baseia-se no interrelacionamento de unidade. Em alguma medida os membros de um sistema devem ser leais tanto entre si como em relação ao sistema. Trata-se de um problema de solidariedade e de moral.

Neste estudo adoptamos a integração social, como aquele factor que promove um sentido de significado e propósito para a vida dos integrantes de um grupo de *xitique*. A integração social assenta na frequência e intensidade dos contactos sociais dentro do grupo entre os seus integrantes.

Esses contactos também reforçam um sentimento de pertença perante o grupo, que afecta positivamente a vida dos indivíduos. No entanto, a mesma integração social (frequência de contactos) pode ter efeitos negativos na vida dos indivíduos, mas isso tem de ser

medido pela qualidade dos contactos. Em geral, a perspectiva da integração social assume que a frequência dos contactos promove o bem – estar.

Para Lakatos e Marconi (1999), a solidariedade é a condição do grupo que resulta da comunhão de atitudes e de sentimentos de modo a constituir o grupo em causa uma unidade sólida, capaz de resistir às forças exteriores.

No entanto, o *xitique* enquadra-se mais naquilo que podemos chamar de redes de solidariedade, que, segundo Nunes (1995), são configurações de relações correspondentes ao nível primário de apropriação social do mundo e da constituição da identidade. Essas configurações incluem redes de parentesco e vizinhança, accionáveis em situações de necessidade para apoiar moral ou materialmente aqueles que são reconhecidos como membros dessas redes.

O *xitique* pode enquadrar-se nas redes de solidariedade na medida em que existem mecanismos que são accionados sempre que necessário, como por exemplo, quando há morte, aniversários, casamentos. E esse mecanismo só é accionável para os membros reconhecidos como sendo do grupo.

Os membros do grupo utilizam o *xitique* como estratégia para resolver problemas diversos³.

Para Cruz e Silva (2000), o conceito de redes de solidariedade facilita a compreensão sobre os diferentes tipos de estratégias, através de redes de assistências, utilizadas pelos indivíduos, para fazer face a diferentes problemas.

Assim, cada indivíduo tem relações sociais no meio em que está inserido, envolvendo um vasto número de amigos, parentes, colegas de trabalho, vizinhos, membros da mesma etnia, da mesma igreja, entre muitos aspectos. É no conjunto dessas relações que se podem construir redes de solidariedade.

³ Mais adiante, na secção referente a apresentação dos resultados, abordaremos esta questão detalhadamente.

Passamos agora a tratar de outro conceito que é o de relação social na perspectiva weberiana, de acordo com Max Weber (1972), por “ relação” social entende-se o comportamento reciprocamente referido quanto ao seu conteúdo de sentido por uma pluralidade de agentes e que se orienta por essa referencia. A relação social consiste, portanto, completa e exclusivamente na probabilidade de que se aja socialmente numa forma indicável (pelo sentido), não importando, por enquanto, em que se baseia essa probabilidade.

Um mínimo de relacionamento recíproco entre as acções de ambas as partes é uma característica conceptual. O conteúdo pode ser o mais diverso: luta, inimizade, amor sexual, amizade, piedade, troca no mercado. O conceito nada diz a respeito de que exista solidariedade entre os agentes ou precisamente o contrário.

Sempre se trata de um sentido empírico visado pelos participantes. A relação social consiste exclusivamente na probabilidade de haver, no passado, no presente ou no futuro e de forma indicável, acções reciprocamente referidas, quanto ao sentido.

Não se afirma de modo algum que, no caso concreto, os participantes da acção reciprocamente referida ponham o mesmo sentido na relação social ou que se adaptem internamente, quanto ao sentido, à atitude do parceiro, que existe, portanto, reciprocidade.

Uma relação social pode ter um carácter inteiramente transitório, bem como implicar permanência, isto é, que exista a probabilidade da repetição contínua de um comportamento correspondente ao sentido (considerado como tal e por isso esperado). A existência de uma relação social nada mais significa do que a presença dessa probabilidade, maior ou menor, de que ocorra uma acção correspondente ao sentido, o se sempre se deve ter em conta para evitar falsas ideias.

O conteúdo do sentido de uma relação social pode mudar: numa relação politica, por exemplo, a solidariedade pode transformar-se numa colisão de interesses.

O conteúdo do sentido de uma relação social pode ser combinando por anuência recíproca. Isto significa que os participantes fazem promessas referentes ao seu comportamento futuro (comportamento mutuo ou outro qualquer).

Parte II

Estudo de Caso

6. Apresentação, Análise e interpretação dos resultados

Nesta secção pretendemos apresentar os resultados da nossa pesquisa de campo de acordo com a hipótese, pergunta de partida e objectivos que foram traçados. Começamos por descrever o grupo Ntwanano, o grupo de *Xitique* por nós escolhido.

6.1 O grupo *Ntwanano*

O grupo *Ntwanano*, palavra que em língua portuguesa significa “entendimento” iniciou as suas actividades há cerca de nove anos atrás, com cerca de doze pessoas onde se contribuía um valor mensal de cem meticais. Mais tarde o grupo foi crescendo e hoje conta com cerca de trinta e uma pessoas, muitas delas foram convidadas para fazer parte e nunca mais saíram. Embora a maioria dos elementos integrantes do grupo seja feminina, existe um total de seis homens que fazem também o *xitique* e que mantêm ligações conjugais com algumas mulheres do grupo.

É de apontar que mesmo sendo um grupo informal, a sua característica organizacional aponta para uma estrutura de grupos e organizações formais, porque, por exemplo, tem um registo contabilístico feito em cadernos, fazem eleições, tem uma presidente, uma vice-presidente, uma pessoa responsável pelos assuntos sociais, uma secretária, uma vice-secretária e uma tesoureira.

A presidente tem a função de:

- Receber o valor da contribuição dos participantes;
- Mediar conflitos;
- Coordenar a cerimónia de *xitique* cada vez que este acontece;

Em termos de coordenação de festas, aplicação de sanções e gestão de conflitos quem dá sempre a última palavra é a presidente.

•

Vice-presidente:

- Substitui a presidente quando esta não se encontra presente;

Tesoureira:

- Recebe e confere o dinheiro;

Secretária:

- Regista o nome das contribuintes na altura da entrega do dinheiro.

Assuntos sociais:

- Resolve em coordenação com os outros, conflitos que possam surgir no grupo, como por exemplo, atrasos na entrega do dinheiro por parte de algum membro, até a falta de contribuição. Para resolver o problema, reúne-se a pessoa que está em falta e se conversa com ela. Se não há uma solução amigável, a pessoa é afastada do grupo.

Entretanto, embora o grupo seja na sua maioria constituída por mulheres é o homem quem faz as regras do grupo.

“ Alguns esposos de participantes do xitique diziam que o grupo tinha que ter normas, isso incluía a data e a hora dos convívios, a elaboração da acta, dos relatórios. Então eles elaboravam e entregavam ao grupo.

Em relação a hora, eles alegavam que era importante estabelecer porque era perigoso as mulheres voltarem para casa a altas horas da noite e sendo um convívio maioritariamente de mulheres isso podia atrair também a atenção de alguns bandidos”, (Berta G).

Isto demonstra que existe uma tendência de se perpetuar as relações de género e poder, que se caracterizam pelo facto de ainda hoje, pese todas as transformações ocorridas na condição feminina, muitas mulheres não poderem decidir sobre as suas vidas, nem se constituírem enquanto sujeitos.

As mulheres não exercem o poder e principalmente, não acumulam este poder, mas o reproduzem não para elas mesmas, mas para aqueles que de facto controlam o poder.

Esta subalternidade, determinante na condição feminina, é fruto do seu papel de género. Sabemos que a sociedade através das suas instituições (aparelhos ideológicos), da cultura, das crenças e tradições, do sistema educacional, das leis civis, da divisão sexual e social do trabalho, constroem mulheres e homens como sujeitos bipolares, opostos e assimétricos: masculino e feminino envolvido em uma relação de domínio e subjugação (Marcela Lagarde:1993).

Passemos de seguida um extracto que demonstra o facto aqui apresentado: “ *o papel do homem no nosso xitique é de ajudar na elaboração das normas do grupo* ”

“ *Nós nunca participamos no xitique sem o consentimento dos nossos maridos*”,(Florinda Nhangumbe).

Em relação ao valor da contribuição, o grupo encontra-se dividido por categorias, que iniciam com o “júnior” onde o valor máximo da contribuição vai de três mil meticais a cinco mil meticais e o “juvenil que vai dos dois mil meticais a dois mil e novecentos meticais.

As categorias acima apontadas significam que, dentro do grupo existem valores monetários para a contribuição que são diferentes. Consoante as suas possibilidades o indivíduo vê onde pode entrar para *ticar* (entende-se aqui por *ticar*, o processo de colecta do dinheiro).

Trata-se de um *xitique* de carácter mensal, que opera da seguinte maneira: num determinado mês três pessoas se voluntariam para receber o valor do *xitique*. O total da contribuição é, portanto, repartido por três pessoas de cada uma das categorias, com o objectivo de não tornar o sistema moroso e cansativo e permitir que todas as pessoas recebam o valor das contribuições no mesmo ano.

6.2 O CONVÍVIO

Para o convívio a pessoa que recebe o dinheiro tem que preparar duas caixas de cerveja, uma de refresco, cinco quilos de carne e três quilos de farinha de milho, enquanto os restantes membros do grupo preparam as suas marmitas para reforçar a alimentação. A comida que se prepara tem um carácter simbólico. É constituída por um guisado de carne de vaca sem tempero nem batata, acompanhado com xima.

No momento da entrega do dinheiro a pessoa que recolhe, veste uma capulana e a tesoureira chama cada pessoa, para entregar a sua contribuição. No fim de todo o processo, o dinheiro é conferido e depois de terminado o processo um cântico religioso é entoado agradecendo a contribuição. Depois faz-se uma oração onde se pede orientação para uma utilização racional e correcta do dinheiro.

Por fim, enrola-se o dinheiro em capulanas e entrega-se aos respectivos beneficiários.

Antes do convívio existe o encontro para o balanço do mês, onde se procura saber quem contribuiu, com quanto, quem atrasou, quem não contribuiu.

Por fim é entoada uma canção e encerra-se o convívio. Depois do convívio e antes de todos se retirarem faz-se um balanço da cerimónia, do que correu mal e bem e como melhorar.

No mesmo encontro faz-se também a marcação do próximo convívio, resolvem-se também os conflitos que possam ter acontecido e que geralmente se relacionam com os atrasos na entrega do valor da contribuição e na qualidade do presente.

Em relação ao presente, existe o principio da reciprocidade onde o que “tu me das é igual ao que tenho que receber”. Para se certificar de que o presente tem o mesmo valor de oferta tem que se apresentar o recibo da compra do bem, este é o presente individual.

Existe ainda um presente que é o geral. Para esse presente os integrantes contribuem com um valor de cinquenta meticais e entregam as pessoas que recebem o *xitique*.

Para a compra do bem, se for o caso, é a madrinha quem ajuda na tomada de decisão. Servindo de conselheira, ela apresenta o presente e outros bens que o afilhado compra com o dinheiro recebido.

O facto acima apontado remete-nos para a questão do controlo social na medida em que uma das exigências do grupo é a de que as pessoas que recebem o dinheiro tenham a obrigação de mostrar o que fazem com ele. Neste sentido é eleita uma comissão que tem a missão de visitar as casas para ver em quê e como foi aplicado o dinheiro.

Existe aqui o que se pode chamar de vigiar os indivíduos do grupo de *xitique*. Segundo Foucault (1996), a vigilância, o controle e a correcção dos indivíduos ocorre. A vigilância contínua é o meio que torna possível o pleno controle dos indivíduos. Ela representa um novo ponto de vista do poder, um poder que em vez de punir um indivíduo que pratique qualquer acto ou infracção, tem as suas acções previstas, antevistas pelo sistema. A vigilância permite um controle dos actos e do grau de engajamento de cada indivíduo ao sistema de poder instaurado. Antevê e determina o que pode e o que não pode o indivíduo fazer. O controle, o monitoramento dos indivíduos torna também possível a correcção das suas tendências, reorientando-as na direcção estipulada.

Existem técnicas de controle como a disciplina que são minuciosas. Esta implica um controle das actividades dos indivíduos.

Existe também o controle social, porque a vida das pessoas dentro do grupo passa por um mecanismo de controlo que permite o gerenciamento das actividades dos seus membros e uma categorização destes.

Coser (1982), refere-se ao controle social como “os esforços para moldar e adequar os sentimentos e desejos individuais às necessidades do grupo”.

O autor conclui que “as instituições reguladoras que asseguram que o comportamento individual está de acordo com as demandas do grupo”, referindo-se não somente às

estruturas políticas e coercivas (sistema judiciário e polícia) mas também culturais (crenças no sobrenatural, cerimónias, opinião pública, educação).

É também obrigatório que as pessoas ao efectuarem as compras de bens materiais guardem as facturas, porque servem de comprovativo do que fizeram com o valor do *xitique*. Este comportamento parece apontar para uma articulação entre a formalidade moderna e burocrática como Weber a apresenta e a informalidade que, afinal, o *xitique* representa. Max Weber (1972) diria que existe no grupo a burocracia como cerne da administração de massas.

Existe no grupo um formalismo, exigido por todos quantos se interessam, seja de que forma for em assegurar as possibilidades pessoais de vida, pois assim não sendo surgiria como consequência a arbitrariedade.

Em relação à participação nos convívios, é considerada boa. Geralmente, quando as pessoas não aparecem ou se atrasam alegam vários motivos de ordem familiar, tais como falta de tempo, poucos rendimentos extra, motivos escolares:.

O grupo tem como regras centrais as seguintes:

- 1- Assumir a responsabilidade.
- 2- Contribuir a tempo e horas.
- 3- Participar nos convívios sempre que possível.
- 4- Ser pontual no dia do convívio.
- 5- Apresentar o que se faz com o dinheiro do *xitique*.

Para além dos objectivos económicos, que são por exemplo, de ter um dinheiro para compra de electrodomésticos, loiça, material de construção ou mobília, no grupo existe também a vontade de conviver no grupo.

6.3. A integração social e solidariedade

Neste estudo adoptamos o conceito de integração social de Durkheim que promove um sentido de significado e propósito para a vida. O conceito de integração social é medido com a frequência e a intensidade dos contactos sociais. Neste sentido, a integração social acontece através de um compromisso que as pessoas têm com a ordem social e exerce controle sobre o comportamento dos indivíduos.

Esses contactos também reforçam um sentimento de pertença perante o grupo, que afecta positivamente a vida dos indivíduos. No entanto, a mesma integração social (frequência de contactos) pode ter efeitos negativos na vida dos indivíduos, mas isso tem de ser medido pela qualidade dos contactos. Em geral, a perspectiva da integração social assume que a frequência dos contactos promove o bem – estar.

Numa perspectiva sociológica, os convívios, ao que parece, constituem oportunidade de reencontro entre os membros, o que permite a renovação permanente dos laços que mantêm o grupo. Dito de outro modo, trata-se de uma oportunidade de manutenção da relação social intragrupal.

É assim que, no grupo, o *xitique* geralmente proporciona a integração social dos indivíduos através dos contactos sociais e das relações sociais que se estabelecem.

A integração e a solidariedade sociais manifestam-se por meio da convivência festiva, por exemplo, e do amparo em momentos difíceis como aqueles em que um membro do grupo ou um familiar seu é assolado por doença, ou, mesmo em casos de morte.

Nos convívios as pessoas se reúnem para entregar o dinheiro a quem deve receber, segue-se o almoço, seguido de um momento de danças, conversas.

O grupo tem compromisso com o *xitique* e sabem que tem que contribuir sempre a tempo e horas.

O grupo recebe novos membros e integra-os na rotina, apresentando as normas, prazos de contribuição, data e hora dos convívios.

As declarações seguintes, de alguns entrevistados, são a este título reveladoras:

“Estar neste grupo faz-me sentir bem. Sinto-me entre companheiras e irmãs”. (Maria da Graça, 39 anos.)

“Tenho sempre participado em convívios e quando existe um momento de tristeza na minha vida as minhas amigas do xitique me acompanham”.

Apolinária Maússe, 41 anos, enfermeira de saúde materno infantil.

“Penso que sempre que há convívio existe a união das pessoas. Por isso que é importante convivermos sempre que temos o xitique”. (Gilda Suzana, 45 anos, técnica de acção social).

“ Eu entrei neste grupo há seis anos sou solteira e tenho um filho e não é fácil a vida porque sou doméstica. No ano passado deixei de ticar por problemas financeiros, mas me deixam sempre participar dos convívios.

Não consigo abandonar o grupo, o ambiente é bom., existe muita conversa”.(Georgina Magagule).

O *xitique* pode enquadrar-se nas redes de solidariedade na medida em que existem mecanismos que são accionados sempre que necessário, como por exemplo, quando há morte, aniversários, casamentos. E esse mecanismo só é accionável para os membros reconhecidos como sendo do grupo.

Os membros do grupo utilizam o *xitique* como estratégia para resolver problemas diversos, como a compra de electrodomésticos, loiça, mobília, carro, material de construção.

A rede de solidariedade, de acordo com os informantes, manifesta-se através da caixa social criada pelo grupo, que serve para apoiar em casos de necessidade, como por exemplo, falecimentos, casamento e doença de membros ou de familiares de membros. Para a caixa social se contribui com um valor mensal mínimo de 50 meticais.

No grupo nem tudo é positivo, também existem aspectos negativos que se manifestam no:

- Atraso na contribuição do dinheiro do *xitique*;

- Ausências sistemáticas aos convívios.

Os problemas acima apontados geralmente ocasionam conflitos que são resolvidos em assembleia do grupo.

Por exemplo, deu-se o caso de um dos membros que demorou entregar o valor da contribuição, assim, os assuntos sociais, a presidente e a vice-presidente convocaram o restante grupo para um encontro, com o objectivo de apelar a pessoa para honrar o seu compromisso. No entanto, ao falarem com a pessoa descobriram que esta estava a passar por dificuldades económicas, resultantes da perda de emprego, o que o impedia de continuar a *ticar*. O grupo compreendeu e a perdoou.

Entretanto, existem casos mais críticos onde não há possibilidade de se alcançar nenhum consenso e quando isto acontece é imposta uma sanção social⁴ à pessoa que infringe as regras (neste caso o atraso ou falta de contribuição), que se manifesta na expulsão do grupo:

“Uma vez deu-se o caso de um das integrantes não estar a pagar, dai fomos para casa dela e tiramos o vídeo, televisor e geleira e proibimos que voltasse ao nosso grupo. Quando a pessoa se compromete tem que cumprir”, (Luísa Macuacua).

Concluimos esta parte com o seguinte: pretendia-se analisar em que medida a prática do *xitique* desempenha uma função social e para tal cingimo-nos aos conceitos de função latente e função manifesta desenvolvida por Robert K. Merton.

Como função social apurámos que os membros do grupo de *xitique* beneficiam-se não só dos valores monetários ou materiais, mas também da amizade, solidariedade e

⁴ **Sanção social:** Segundo Lakatos e Marconi (1999), o grupo de amigos, a família, a pequena comunidade empregam principalmente as sanções sociais. Estas variam em conformidade com a gravidade da falta e para os casos piores, o grupo lança mão de sanções como a rejeição, o afastamento e a expulsão do grupo. A pessoa cujo comportamento se reprova pode-se encontrar isolada, vendo os seus amigos se espalharem.

convivência. Mas, ao mesmo tempo, pudemos identificar, no contexto das relações produzidas no *xitique*, fenómenos que traduzem a função latente desta prática, justamente por não parecerem deliberadas pelos membros do grupo, como, por exemplo: o controlo social e a reprodução das relações de género e poder.

De um modo detalhado dir-se-ia que:

1.) O *xitique* produz um sistema específico de controlo social no grupo.

O controle social caracteriza-se pelo facto da vida do integrante do grupo ser controlada através de visitas ao domicílio para a confirmação dos bens obtidos no *xitique*. O indivíduo ainda tem por obrigação exibir as facturas da aquisição dos bens. Esta situação provoca a ingerência no espaço familiar dos indivíduos.

É obrigatório que as pessoas apresentem o que fazem com o dinheiro que recebem no *xitique*. “ *Muitas vezes nós exigimos que as pessoas nos mostrem o que fazem com o dinheiro porque senão não fazem uma coisa concreta. As pessoas fizeram um compromisso de que tem que mostrar o que fazem com o dinheiro do xitique e tem que cumprir*”, (Maria M).

“ *As vezes a pessoa ainda não tem nada de concreto para fazer com o dinheiro na altura que recebe, então deposita no banco e nós exigimos o talão de depósito. Se a pessoa não mostra o talão, dá voltas ou não apresenta o que faz com o dinheiro, nós chamamos atenção de que tem que se levar o xitique a sério*”, (Berta G).

Como dinâmica do grupo, está estabelecido um compromisso que permite que sejam feitas visitas domiciliárias para a casa da pessoa que recebe o *xitique*.

2) Existe a reprodução das relações de género e poder, onde apesar de este ser um grupo maioritariamente constituído por mulheres, são os homens quem fazem as regras e as normas do grupo.

7. Considerações finais

Utilizando o estudo de caso do grupo de *xitique Nwtanano*, na cidade de Maputo, o presente trabalho procurou compreender a função social do *xitique*, com ênfase no lado social da prática. Procurámos compreender o lado “latente” do *xitique*.

Para atingirmos os nossos objectivos, partimos da hipótese segundo a qual, o *xitique* proporciona a integração social e solidariedade do grupo através das relações sociais de amizade, companheirismo que se estabelecem.

Tendo como opção o trabalho em meio urbano que é a cidade de Maputo, permitiu-nos contextualizar a nossa pesquisa, num espaço em que foi possível perceber a dinâmica do grupo social em análise.

Vimos ainda que o controle social também está aqui patente com o facto de a vida do integrante do grupo ser controlada através de visitas ao domicílio para a confirmação dos bens obtidos no *xitique*.

Existe a reprodução das relações de género e poder, onde apesar de este ser um grupo maioritariamente constituído por mulheres, são os homens quem fazem as regras e as normas do grupo.

Verificamos que o *xitique* desempenha a função social de integrar o grupo, através dos contactos sociais que se estabelecem. Os contactos sociais são frequentes quando existem os convívios. Aqui a integração social proporciona ao grupo um sentimento de pertença ao grupo. É preciso referir que, muito provavelmente, essa mesma integração seria efectiva se por exemplo, não se verificassem os seguintes fenómenos constatados: atraso na contribuição do dinheiro para o *xitique*, fraca participação por parte de alguns membros, isto é, menos entrega deste nas actividades do grupo e ausências sistemáticas de alguns membros aos convívios.

Podemos concluir que o que explica a persistência do grupo não é só o factor monetário, mas também aspectos como a amizade que se constrói entre os membros, o convívio, o partilhar de alegrias e tristezas em comum.

Referência Bibliográficas

A Estratificação Social. In.: isto- Tudo, o livro do conhecimento. São Paulo, 1996.

ABREU, A. “As Implicações macroeconómicas dos xitique, algumas considerações”, comunicação apresentada no seminário sobre a Mulher e o Sector Informal, MULEIDE /Fundação Frederich Erbert, Maputo, 1994.

Chidzero, M. Anne, L. Frohlich C. et al, “ Estudo Sobre Microfinanças em Moçambique”, Maputo, Abril, 1998.

Chizzotti, A. “ Pesquisa em Ciência Humanas e Sociais”, Cortez Editora, 7ª edição, Brasil, 2000.

Coser, L. “The notion of control in sociological theory”. In: GIBBS, J. Social control among older people: a cross-sectional analysis. *Journal of Gerontology: Social*, 1952

Crane, D. “Cultural differentiation, cultural integration, and social control”. In: GIBBS, J. Social control, Beverly Hills, 1956.

Cruz e Silva, T. “Determinantes globais e locais na emergência de solidariedades sociais: o caso do sector informal nas áreas peri-urbanas da cidade de Maputo”, Revista Crítica de Ciências Sociais número 63,2002.

Cruz e Silva, T. “Solidariedades Sociais e novos desafios: Uma alternativa viável para as estratégias de mitigação aos impactos do HIV/SIDA nas zonas rurais em Moçambique”, Maputo, CEA, 2004.

Cruz e Silva, T., “As Redes de Solidariedade como intervenientes na resolução de litígios: O caso da Mafalala”, In: Boaventura de Sousa Santos e João Carlos Trindade

(Org.): "Conflito e transformação social: Uma paisagem de justiças em Moçambique", Maputo, CEA, 2003.

Dava, Gabriel, Low Jan, Matusse Cristina, " Pobreza e Bem Estar em Moçambique- 1996-1997- capítulo seis- Mecanismos de Ajuda Mútua e Redes Informais de Protecção Social: Estudo de caso das provincias de Gaza e Nampula e Cidade de Maputo", 2000.

Durkheim, E. "*Suicide*". New York: Free Press, 1951.

Ferraro, K e Su, Y. "Financial strains, social relations and psychological distress", 1998.

Ferreira, J. M, Carvalho et Al., "Sociologia", editora MacGraw-Hill, Portugal, 1995.
Foucault Michel, Vigiar e punir: historia das violências nas prisões, 13ª edição, Petrópolis, Vozes, 1996

Gibbs, J. (Org), "Social control: views from the social sciences", Beverly Hills, Sage, 1982.

Giddens, A. "Sociologia", Fundação Calouste Gulbenkian, segunda edição, 2000.

Gordon, M. Dicionário de Oxford de Sociologia Hault, Thomas Ford, 1969.

Johnson, H.M., "Sociologia", Londres, Rutledge Kegan, 1966.

Lagarde, M. "Cativeiros das mulheres: mães, putas, presas e loucas", México, UNAM, 1993.

Lakatos, M. E. e Marconi de Andrade M., "Sociologia Geral", editora Atlas, segunda edição, São Paulo, 1999.

Lakatos, M.E. e M. Marconi de Andrade, "Metodologia do Trabalho Científico", editora Atlas, quarta edição revista e ampliada, São Paulo, 1992.

Loforte A. M. "Género e Poder entre os Tsongas de Moçambique", Lisboa, 1996.

Macuane, J. J. (1996) Reformas Económicas em Moçambique: actores, estratégias e coordenação. In: Moçambique Ensaios – uma organização de Peter Fry, UFRJ Editora, Rio de Janeiro, 1996.

Manganhele, T. A. " Determinantes Principais da Participação da Mulher no Sistema de crédito semi-formal – estudo de caso das províncias de Maputo e Gaza", Tese, Departamento de Produção e Protecção Vegetal/ Faculdade de Agronomia e Engenharia Florestal, U.E.M, 1999.

Merton, R. K. " Sociologia – Teoria e Estrutura", editora Mestre Jou, São Paulo, 1968.

Nadel, S.F., "Fundamentos de Antropologia Social", México, 1955.

Navalha, D. F. "Captação de Poupanças dentro do Sector Informal em Moçambique- O caso do sector informal financeiro em Maputo", trabalho de Licenciatura, Faculdade de Economia, Julho, 2000.

Novela, D. "Sistemas Informais de Crédito e Ajuda mútua no distrito de Cahora Bassa", Tese, Departamento de Produção e Protecção Vegetal/ Faculdade de Agronomia e Engenharia Florestal, U.E.M, 1996.

Nunes, J. A. "Com o bem ou com mal aos teus te além – as solidariedades primárias e os limites da sociedade-providência", Revista Critica de Ciências Sociais, 1995.

Oppenheimer J. e Raposo I. " Estratégias de sobrevivência nas margens da capital", In: A pobreza em Maputo – A cooperação direccionada para os grupos vulneráveis no

contexto da concentração urbana acelerada” , colecção Cooperação, Ministério do trabalho e da solidariedade, Lisboa, 2002.

Parsons T. “A Estrutura da Acção Social”, editora McGraw-Hill, Nova Iorque, 1937.

Parsons, T. “O sistema social”, Free Press, Nova Iorque, Free Press, 1951.

Pinto C. “Sociologia da Escola”, edição Mcgraw-Hill, Lisboa, 1995.

Quive S. A. e Gonçalves P. “ Sistemas informais de segurança social em desenvolvimento”, editor Friedrich Ebert, Maputo, Moçambique, 2005.

Quivy R. e Campenhoudt L. V. “Manual de Investigação em Ciências Sociais”, editora Gradiva, Portugal. 1998.

Ratilal, P. in: “Moçambique 10 anos de Paz”, organizador Brazao Mazula, Centro de Estudos de Democracia e Desenvolvimento, Maputo, Moçambique, 2002

Rocher G. “Sociologia Geral, a Organização Social, volume 2, editorial Presença, Lisboa, 1989.

Ross, E., “Social control and the foundations of sociology”, Boston, Beacon, 1959.

Teresa Cruz e Silva, “A Organização dos trabalhadores do sector informal dos mercados de Maputo e sua acção na promoção de melhores condições de vida e trabalho- O papel da associação dos operadores e trabalhadores do sector informal- ASSOTSI, 2005”, Bureau Internacional do trabalho, Genebra.

Vletter, de F. Estudo não publicado baseado em entrevistas a uma amostra de 1,000 entrevistas. In: Moçambique – Mulher, Género e Desenvolvimento Humano: Uma agenda para o futuro, Relatório Nacional de Desenvolvimento Humano, PNUD, 2001.

Weber M. "Economia e Sociedade", Volume 1, Editora Universidade de Brasília, 1972

Yves G. "Sociologia Urbana", edição Publicações Europa, Portugal, 1994.

Anexo 1

Guião de perguntas

1. Há quanto tempo existe o grupo de xitique?. Como se chama (sua designação).
2. Há quanto tempo faz parte do grupo?
3. Como é que o grupo cresceu?
4. Convidaram as pessoas a fazer parte?
5. Obrigaram-nas?
6. Quantos membros têm actualmente? Quando foi a última admissão.
7. Quais são os critérios de admissão?
8. Se desempenha alguma actividade económica com rendimento diga qual é?.
9. Como é que se sente fazendo parte do grupo?
10. Em situações de contingência (doença, morte) existe outra forma de apoio para além do xitique?.
11. Outros homens participam nos convívios que são parte integrante das actividades do xitique.
12. Qual é o seu papel?
13. O que fazem?
14. O que não fazem?
15. Porquê?
16. Eles sabem que as esposas, namoradas tiram o dinheiro para o xitique, qual é a sua opinião?
17. Tem contribuído para esse valor?.
18. Beneficiam-se do valor do xitique?.

Tabela 1 – Perfil dos entrevistados consoante a idade e ocupação

Nome	Idade	Ocupação
Maria Armando	30	Enfermeira
Joana Massingarela	34	Escriturária
Margarida Nhumbane	36	Comerciante
Adelina Cumbane	40	Técnica de Acção Social
Isabel Francisco	35	Vendedora informal
Carolina Matsinhe	42	Escriturária
Georgina Magagule	33	Enfermeira
Armanda Cavele	45	Vendedora Informal
Henriqueta Mobjeca	39	Oficial de formação
Celina Siteo	50	Professora
Berta Jutasse	44	Comerciante
Eugénia Gundana	31	Escriturária
Florinda Nhangumbe	37	Técnica bancária
Luísa Macuacua	48	Vendedora informal
Amandio Mucavele	49	Escriturário

Fonte: Elaborado com base em dados obtidos no trabalho de campo, Maputo, Novembro a Dezembro de 2005.

Anexo 2: Fotos diversas que retratam a cerimónia do *xitique*



Foto 1: Momento da entrega dos presentes



Foto 2: Convívio entre os membros do grupo



Foto 3: Momento da dança



Foto 4: Outro momento de oferta de presentes



Foto 5: A espera dos outros membros para o início da cerimónia.